

Jornalismo e memória na cultura digital: tensões e atravessamentos da memória vertiginosa, de desmemória ou “não-memória”¹

Hérica Lene²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Resumo

Trata-se de uma abordagem sobre jornalismo e memória na cultura digital, e sua conexão/operação também via reportagem multimídia, tendo como base de pesquisa uma revisão de literatura: um relatório do estado da arte na produção acadêmica dos últimos 5 anos (2019-2023), com enfoque nos artigos localizados nas principais plataformas do campo da comunicação (Anais do Intercom, Compós, SBPjor e Alcar; e Biblioteca Eletrônica Scientific Electronic Library Online - SciELO). A amostra foi composta por 11 trabalhos. Verifica-se um contexto de tensões e atravessamentos da memória vertiginosa, de desmemória ou “não-memória” na cultura digital. Observa-se as características mais citadas com relação à reportagem multimídia.

Palavras-chave: Jornalismo digital; Memória; Reportagem Multimídia.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar um estado da arte sobre jornalismo on-line, memória e cultura digital, e sua conexão/operação via reportagem multimídia. Assim, as questões que instigam esta reflexão são: como os conceitos vêm sendo discutidos e apresentados nas produções científicas dos últimos cinco anos no campo da comunicação? Como se dá a articulação entre memória e jornalismo on-line ou digital?

Esta abordagem justifica-se porque uma das dimensões de maior impacto do digital na experiência humana ocorre justamente no domínio da memória, que podemos considerar como um dos últimos redutos da autonomia do ser humano face ao potencial de adulteração e enviesamento do conhecimento que os ciclos de memórias auxiliares e artificiais, mas também de memórias sociais censuradas e recalçadas, têm introduzido ao longo dos tempos históricos e sobretudo nesta era da “pós-verdade” (Cadima, 2020, p.2). E a Inteligência Artificial (I.A) se impõe como um componente desafiador com relação à toda questão da memória social e coletiva.

O estudo aqui proposto envolveu a realização de uma revisão de literatura: um relatório do estado da arte ou estado do conhecimento sobre um tópico específico que busca evidenciar novas ideias, métodos e sistemas. Trata-se de uma tomada de contas

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora dos cursos de Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Mestrado) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde coordena o grupo de pesquisa COMUNIME – Comunicação, Identidades e Memória. Jornalista pela UFES, mestre em Comunicação pela UFF e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. E-mail: hericalene@ufrb.edu.br.

sobre o que foi publicado acerca de um tópico específico (Moreira, 2004, p. 22). O objetivo é mapear e discutir uma certa produção acadêmica em determinado campo do conhecimento. Mergulhar na literatura disponível em torno da temática em foco propicia o pesquisador oportunidade única de confronto crítico dos autores e pesquisadores consultados: olhares plurais podem ser identificados (Thérien & Thérien, 2004, p.7). Há a perspectiva de avanço da ciência por meio de novos paradigmas de compreensão do real e, neste caso, acerca do jornalismo on-line ou digital e sua relação com a memória.

Sobre a pesquisa exploratória, buscou-se os termos “memória e jornalismo digital ou on-line” e “reportagem multimídia”, pois a opção por não pesquisar apenas por “memória” se deu para que fossem localizados trabalhos na área de comunicação articulados com o jornalismo.

Memória é um conceito interdisciplinar/multidisciplinar que envolve muitas áreas e que remonta mitos gregos, Platão, Aristóteles, Marco Aurélio e Santo Agostinho (talvez o sistematizador da autobiografia enquanto forma de memória, pelo menos na Cultura Ocidental).³ E inúmeros autores se ocuparam nos últimos 100 anos em tecer esse conceito em toda a sua complexidade.⁴

Há algo de novo no horizonte dos Estudos da Memória? Marcos Palácios (2019) fez este questionamento em um artigo no qual mostrou que a abordagem se expandiu para a categoria de Planetário. Mudança de escala, mas principalmente de perspectivas de abordagem: a incorporação dessa Memória Planetária aos Estudos que se debruçam sobre as Memórias Nacionais e Globais, com a introdução do conceito de uma nova época geológica: o Antropoceno. Essa nova visada significa enfatizar o papel central do homem na modificação e (des)equilíbrio da Terra e trazer para o debate e a análise uma dimensão a mais nos horizontes da memória de nosso modo de existir e, portanto, de nossa cultura.

³ Ao longo do período que vai do final do século XVIII à Contemporaneidade, o período histórico que se convencionou denominar Modernidade e se estende pela Modernidade Tardia ou Pós-Modernidade, há inúmeros precursores que – ainda que não possam ser categorizados como estudiosos da memória *stricto sensu* – com ela preocuparam-se ao longo de suas obras. Nessa categoria podemos citar Edmund Burke, Alexis de Tocqueville, Nietzsche, Ernest Renan, Karl Marx, Durkheim, Karl Mannheim, Walter Benjamin, Adorno, Marc Bloch, Roger Bastide, Claude Lévy-Strauss (Palácios, 2019).

⁴ Desde os estudos pioneiros de Freud, passando pela conceituação de Henry Bergson; a percepção de memória em sua dimensão social realizada por Maurice Halbwachs, a partir de sua polêmica com o fundador da *École des Annales*, Marc Bloch, construída no seu primeiro e segundo sistemas; sem falar em outros pesquisadores que mais recentemente não deixaram de se referir à memória, acrescentando outros postulados fundamentais. Neste sentido, há que se destacar a obra de Pierre Nora e seu conceito polêmico e, ao mesmo tempo, desafiador, de “lugares de memória”; os estudos de Michel Pollack; as aproximações entre memória e identidade, realizadas por Gérard Namer e Joël Candau; as reflexões em torno da relação memória e poder, das memórias silenciadas e esquecidas em contraposição às memórias publicizadas e oficializadas, realizadas por Jacques Le Goff, Georges Duby e Andréas Huyssen, entre tantos outros (Barbosa, 2005, p.107-108).

O enfoque neste artigo é a relação da memória com o jornalismo na cultura digital⁵, com base nas principais plataformas da área de comunicação para verificar a produção acadêmica recente, localizada no período de 2019 a 2023: 1) Anais do Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); 2) Anais de outros principais congressos de Comunicação e Jornalismo do país: Compós, SBPJOR e da Rede Alcar - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia; 3) Biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* – SciELO.

A amostra nesta abordagem foi composta por 11 artigos, cuja leitura foi organizada de forma cronológica (Veja Tabela 1). Não incluímos os trabalhos que abordam o conceito de memória sem relação com a questão da cultura digital ou com o jornalismo. Este artigo segue organizado em dois tópicos: Jornalismo, memória e cultura digital; e Reportagem multimídia.

TABELA 1
Composição da amostra

Ano	Memória e jornalismo digital	Reportagem multimídia
2019	A informação em mídia digital e os desafios para a preservação da memória diante das mudanças tecnológicas – <i>Alcar</i>	
2019	Possibilidades tecnoutópicas: processos de memória na era da conectividade em rede – <i>Intercom</i>	
2020	A Memória e a Era Digital – Revista Media & Jornalismo – <i>SciELO</i>	Jornalismo e tecnologia: a reportagem multimídia no site Intercept – <i>Intercom</i>
2021		Usos da memória como recurso de contextualização no jornalismo digital – <i>Compós</i>
2021		Produções digitais nos 50 anos do Golpe de 1964: especiais multimídias em sites jornalísticos brasileiros – <i>SciELO</i>
2021		Evoluções e experiências em um gênero híbrido: análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014-2018) – <i>SciELO</i>
2021	O jornalismo digital e a construção de memórias: a primeira semana de pandemia da Covid-19, no Piauí – <i>Alcar</i>	
2022	A relação entre jornalismo e memória: uma revisão sistemática de literatura – <i>SBPjor</i>	
2023	O Impacto das Mídias Digitais na Construção da Memória: Desafios, Oportunidades e Perspectivas para a Comunicação na era da Inteligência Artificial – <i>Alcar</i>	A reportagem no jornalismo digital: Uma análise quantitativa do espaço lusófono – <i>Intercom</i>

FONTES: Anais do Intercom, da Compós, do SBPjor e da Rede Alcar; SciELO.

⁵ Em um momento posterior nos debruçaremos na análise de aspectos de reportagens multimídia premiadas no ano de 2023. Trata-se de pesquisa de estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas (PósCom) da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA) e resultado de reflexões desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL). A proposta tem consonância com a linha de pesquisa “Comunicação e Memória”, na qual a autora está inserida no Mestrado de Comunicação da UFRB.

1. Jornalismo, memória e cultura digital

A discussão sobre memória aparece inicialmente como memória arquivística na abordagem “A informação em mídia digital e os desafios para a preservação da memória diante das mudanças tecnológicas”, sobre o futuro da informação em mídia digital, visando resguardar fundos da memória e história da humanidade, diante das ameaças causadas pelas constantes mudanças tecnológicas. Este artigo de 2019 foi localizado na pesquisa feita nos Anais da Rede Anais da Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia.⁶

A conclusão é de que é fundamental contar com repositórios de dados digitais confiáveis, políticas institucionais e modelos de práticas de preservação para assegurar a memória histórica e garantir o acesso dessa mídia às gerações futuras (Pinho & Sousa, 2019).

Em “Possibilidades tecnoutópicas: processos de memória na era da conectividade em rede” (Tótolí & Garrosini, 2019), trabalho nos Anais do Intercom⁷, a discussão foi acerca do potencial passagem para a era da conectividade em rede, segundo definida por Vilém Flusser, e sua relação com os processos de memória do coletivo facilitados pelos novos meios técnicos numa orientação para a emancipação coletiva. Estamos à deriva na superfície de um oceano de informações disponíveis ao toque de um polegar ou até de um mero comando de voz. Na imensidão desse oceano informacional, submergem referências, histórias e arcabouços, isso é, memórias, organizadas nas mais diversas configurações de linguagens.

Em “A memória e a era digital”⁸, F. Rui Cádima (2020) tocou em questões cruciais para refletirmos sobre a memória vertiginosa provocada pela internet. Ele chamou atenção que uma das dimensões de maior impacto do digital na experiência humana acontece justamente no domínio da memória, que podemos considerar como um dos últimos redutos da autonomia do ser humano face ao potencial de adulteração e enviesamento do conhecimento que os ciclos de memórias auxiliares e artificiais, mas

⁶ No levantamento feito nos Grupos de Trabalhos (GTs) História da Mídia Digital e Historiografia da Mídia da Rede Alcar localizamos também de 2019: Memórias coletivas em disputa na construção de identidades, de Agnes Francine de Mariano, que não foi incluído em nossa amostra por discutir o conceito entrelaçado com o de identidade.

⁷ Nos Anais do Intercom buscamos os termos nos seguintes Grupos de Pesquisa (GPs) Tecnologias e Culturas Digitais; Teorias do Jornalismo e Gêneros Jornalísticos; Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas; Comunicação e Culturas Digitais. Somente o artigo citado entrou na amostra por fazer uma investigação teórica e reflexiva acerca do potencial passagem para a era da conectividade em rede. Os demais de 2019 (um sobre jornalismo e outro sobre memória) tiveram abordagem mais amplas e com enfoques diversos.

⁸ Este trabalho foi localizado na SciELO.

também de memórias sociais censuradas e recalçadas, têm vindo a introduzir ao longo dos tempos históricos e sobretudo nesta era da “pós-verdade”.

Um por exemplo é o caso do hibridismo de imagens da memória humana com tecnologias de síntese ou simples tratamento de imagem, na delegação da memória e no constante recurso ao “exterior de si” em arquivos e em bases de dados digitais, ou no caso dos vídeos adulterados enquanto *deepfakes*⁹.

Essa memória em expansão, as redes sociais e a I.A, nesta era de pós-verdade e *fake news*, também trazem disfunções: desmemoriação ou não-memória. Timothy Snyder (2017 *apud* Cadima, 2020, p. 201) registra que a emergência da pós-verdade significa, de novo, a ascensão do pré-fascismo e dos populismos. A memória vertiginosa que nos traz o digital é assim uma espécie de desmemoriação, uma não-memória. Perante as falsas e perigosas “desmemórias” e vieses dos sistemas de informação e de comunicação, volta inevitavelmente o medo da emergência de novos holocaustos no contexto desta nova era dos “factos alternativos”:

Ou das suas variantes geo-estratégicas, isto é, nacionalismos digitais (KAPUR, 2019) soberanias digitais, tecnologias soberanas, territorialização da Internet... O facto é que é possível afirmar comprovadamente que a pós-verdade dissemina cripto-fascismos na rede e no espaço público “pós-nacional”, não bastando, portanto, o apelo ao “direito à memória” e a denúncia das espirais de silêncio sobre as crises humanitárias e genocídios da contemporaneidade, impõe-se então algo mais, e, desde logo, um “dever de memória” (Cadima, 2020, p.201).

A contradição que se coloca face a uma mnemotécnica que tanto nos garante essa expansão da memória como o seu fechamento ou as suas disfunções traz incertezas. A discussão é sobre o paradoxo entre o arquivo aumentado e a impossibilidade de memória.

A memória social tem instigado pesquisadores em suas reflexões no Brasil. É o tipo de memória mais investigado no país e há a tendência de grande parte das pesquisas analisarem dois ou mais tipos de memória no mesmo trabalho. Foi o que mostrou a revisão de literatura “A relação entre jornalismo e memória: uma revisão sistemática de literatura” (Marcello, 2022), localizado nos Anais do SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo¹⁰. A abordagem foi realizada com amostra de 25 artigos, no recorte temporal de 2017 a 2022.

⁹ São vídeos e áudios falsificados por algoritmos de I.A. (Marques, 2023).

¹⁰ Nos anos de 2019 e 2020 os Anais do SBPJor não estão disponíveis e, em 2021, não localizamos os termos pesquisados.

O objetivo foi mapear artigos que abordam a relação entre jornalismo e memória para investigar como esses dois elementos geralmente são associados, além de identificar os objetos das pesquisas, classificar quais tipos de memória são analisados e examinar quais autores e obras são mais recorrentes na fundamentação sobre esse conceito.

O autor e a obra mais citados pelos pesquisadores foi Maurice Halbwachs (1990) e o livro “A memória coletiva”. Já na variável da relação entre jornalismo e memória, a categoria mais recorrente foi “estudo da memória discursiva com base na análise de textos jornalísticos” (Marcello, 2022).

Quando relacionado com o jornalismo, a memória pode ser interpretada como um fenômeno social, um acervo físico de lembranças e um processo cognitivo de armazenar acontecimentos. Essa relação pode se desdobrar em diferentes contextos. A partir da análise, pode-se concluir que uma das maiores tendências é de se observar qual o discurso da mídia empregado sobre um determinado acontecimento, pessoa ou lugar, no Brasil (Marcello, 2022, p.16). Este foi o caso, por exemplo, de “O jornalismo digital e a construção de memórias: a primeira semana de pandemia da Covid-19, no Piauí” (Coutinho & Oliveira, 2021), localizado também nos Anais da Rede Alcar. Os autores buscaram entender como o portal *Cidade Verde.com* atuou na construção de memórias na primeira semana de pandemia naquele estado.

Já o artigo “O Impacto das Mídias Digitais na Construção da Memória: Desafios, Oportunidades e Perspectivas para a Comunicação na era da Inteligência Artificial” (Marques, 2023) trouxe uma reflexão sobre o papel das mídias digitais na construção da memória histórica e social, com foco especial no jornalismo digital e nas redes sociais como *locus* de memória e representações sociais. A análise permite compreender a importância dessas plataformas na formação de narrativas coletivas e na preservação da memória social. As interfaces, discursos e representações presentes nessas mídias moldam a maneira como recordamos e interpretamos eventos passados, influenciando a construção da memória coletiva.

No entanto, é crucial exercer cautela ao lidar com as mídias digitais, levando em consideração a veracidade das informações, promovendo a diversidade de perspectivas e garantindo espaços de diálogo e colaboração entre os usuários. Ao adotar essas práticas, podemos contribuir para uma construção mais consciente, plural e inclusiva da memória histórica e social nas mídias digitais (Marques, 2023, p.13).

Enfatiza-se a importância de diretrizes éticas e transparência na utilização da I.A., bem como a necessidade de incentivar a participação de diferentes partes interessadas na formulação de políticas e diretrizes relacionadas à sua aplicação. Também urge promover uma construção da memória mais ética e responsável nas mídias digitais. Isso inclui o desenvolvimento de ferramentas de verificação e validação para combater a disseminação de notícias falsas e desinformação, bem como a promoção da educação midiática para capacitar os indivíduos a navegar e interpretar criticamente as informações encontradas nas mídias digitais.

Sobre a interação entre humanos e sistemas de I.A. na construção da memória coletiva, a colaboração entre ambos pode potencializar a produção, compartilhamento e preservação da informação histórica e social. É fundamental garantir a diversidade, a inclusão e a representatividade nos dados utilizados para evitar distorções e preconceitos nas narrativas construídas (*ibid.*, p.14).

2. Sobre reportagem multimídia

E o que os estudos apontam sobre a relação da memória e reportagem multimídia? Definida como a principal cobertura jornalística, qualificada pela sua natureza de notícia extensiva, reportagem conjuga fatores de apuração, seleção e valorização que envolvem aspectos técnicos e estéticos. Em geral, associa às exigências de publicação – qualquer que seja o meio – texto consistente, ilustração, testemunhos, documentação, relevância etc (Bahia, 2010, p.322).

É “o relato mais extenso, abrangente e contextualizado” de uma história real na visão de Ricardo Noblat (2002, p. 81). O seu surgimento é resultado do acúmulo de experiências com a imprensa em 250 anos, mas, sobretudo, de mudanças sociais, tecnológicas, econômicas e culturais associadas à Revolução Industrial. Logo, não seria difícil defender que a gênese do jornalismo, enquanto prática profissional socialmente organizada, está intimamente ligada aos primeiros anos de labor do repórter (Agnez; Moura, 2016 *apud* Di Fátima, 2023, p.2).

No meio digital foi chamada de reportagem multimídia como um recurso que combina elementos diferentes em sua produção: vídeos, fotos, gráficos, textos, animações, mapas, entre outros recursos hipermidiáticos. É a multimedialidade: quando os formatos noticiosos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) convergem na narração do fato jornalístico (Mielniczuk, 2000).

Além desse elemento do jornalismo desenvolvido para a internet, Bardeel e Deuze (2000 *apud* Palácios, 2002) apontam mais três: Interactividade, Customização de conteúdo e Hipertextualidade. Palácios (1999; 2002), com a mesma preocupação, estabeleceu cinco características: Multimídia/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização e Memória. Cabe ainda acrescentar a Instantaneidade do Acesso, possibilitando a Atualização Contínua do material informativo como mais uma característica. O aspecto da memória, especialmente, é o que é nosso enfoque de pesquisa.

O trabalho “Jornalismo e tecnologia: a reportagem multimídia no site Intercept” (Souza, 2020), dos Anais do Intercom¹¹, discutiu como a prática jornalística vem se transformando devido ao avanço tecnológico e os novos recursos advindos com as mídias digitais. A partir daí, o jornalismo digital procura se reinventar e lidar com novos desafios na maneira de produzir conteúdos inovadores.

Neste cenário, a reportagem multimídia tem sido um recurso utilizado para atingir um novo público digital consumidor. O autor discute, de forma específica, os recursos da linguagem hipermediática por meio do site Intercept Brasil, analisando a reportagem “O Fim de uma facção”. A análise aponta para as transformações nas formas de produção e nos hábitos de leitura de uma reportagem na era contemporânea.

Souza (2020, p.13) chama atenção para o fato de, no Brasil o investimento em reportagens multimídias ser baixo, principalmente pelo tempo em que demanda a apuração dos dados até a conclusão da matéria. Mas, por outro lado, a experimentação nesse formato de reportagem pode atingir um ponto de consolidação, possibilitando a monetizações e parcerias correspondentes a estas narrativas multimidiáticas, com novos modelos de negócio. O investimento está relacionado tanto às transformações na produção quanto às mudanças na maneira de consumo.

Portanto, os avanços dos recursos tecnológicos alteram consideravelmente a estrutura do trabalho jornalístico. A reportagem multimídia tornou-se um lugar “onde o jornalismo on-line mais tem explorado as possibilidades de convergência de linguagens do meio digital, estando marcada ainda, no cenário atual, pelo texto e as narrativas imersivas” (Winques, 2015, *apud* Souza, 2020, p.13). Cenário este que possibilita a

¹¹ Localizamos o trabalho "Menor": A Marginalização como Memória, de Caio Brasil Rocha, também nos Anais do Intercom de 2020, mas com abordagem específica sobre a produção da pauta jornalística a respeito do chamado “menor” nas páginas do jornal fluminense Extra, e, por não ter o foco de nossa pesquisa, não entrou na amostra.

criação de reportagens mais completas, inovadoras e ricas em informações que têm sido consumidas pelo público que prefere buscar hoje notícias nos meios digitais e conseqüentemente abre um potencial para sua monetização. Porém, é necessário que sejam feitos mais investimentos por parte das empresas jornalísticas, uma vez que precisam formar equipes qualificadas que incorporem à prática profissional novas habilidades e exigências (Souza, p.13-14).

Em 2021, nos Anais da Compós¹², o “Usos da memória como recurso de contextualização no jornalismo digital” (Bruck, Marques & Pimenta, 2021) trouxe uma análise de quatro reportagens mais significativas em termos da presença da memória, de um estudo de um conjunto mais amplo de 15 reportagens do *Nexo* e do *UOL Tab*.

A noção de memória, nessa perspectiva, é relacionada à elevada e complexa capacidade de armazenamento permitida pelo meio on-line, além da facilidade de acesso a esse acervo. Diferente dos meios analógicos, no ambiente digital um documento antigo pode ser facilmente localizado e acessado. Desse modo, a memória torna-se um importante pilar na construção do jornalismo digital. Pode-se inferir que a memória como acervo pode ser classificada como contribuinte para a produção de contexto nas notícias, a partir do momento em que ela permite o acesso a informações extras ao fato noticiado, possibilitando a geração de conexões – por parte do leitor – dentre os conteúdos disponibilizados (Bruck, Marques, & Pimenta, 2021, p.10-11).

A memória pode se colocar como importante recurso conteudístico e estratégia narrativa em práticas que tentam melhor circunstanciar a oferta, no âmbito das textualidades jornalísticas de camadas contextualizantes, de condições mais efetivas para que o leitor possa ampliar sua compreensão dos fatos/situações enunciados pelos media jornalísticos, na medida em que enseja a busca por anteriores-novos vieses dos acontecimentos e suas implicações, colocando-se como potência contextualizadora reportagens multimídias de natureza memorialística (Bruck, Marques, & Pimenta, 2021, p, p.19-20).

Como o campo profissional e os pesquisadores da área têm percebido o digital tem possibilitado ao jornalismo se valer de potentes recursos tecnológicos em suas práticas e construção narrativa, além de permitir a ampliação da difusão em rede do conteúdo por diversos dispositivos. Por outro lado, os autores, ao refletirem sobre o

¹² Pesquisamos nos Anais da Compós nos GPs Comunicação e cibercultura, Memória nas mídias e Estudos de Jornalismo.

acionamento do memorialístico nessa ambiência digital, entendem que no digital a própria memória como recurso contextual se potencializa. Destacam, nesse sentido, usos de elementos midiáticos presentes, por exemplo, na reportagem multimídia como fotografias, vídeos, áudios, documentos históricos, infográficos, imagens de geolocalização, *hiperlinks*, entre outros, que oportunizam que a memória efetivamente contribua para o aprofundamento no tema e sua melhor contextualização, destacando-se aí o incremento proporcionado pela multimídia (Palacios, 2003, p.3).

Por meio das narrativas multimídias, o jornalismo, na ambiência digital, tem reconfigurada e redimensionada sua capacidade de aprofundamento e de ampliação os sentidos dos conteúdos abordados. No caso em tela, inscreve-se se valendo de memórias, podendo até mesmo reescrevê-las. O que é facultado, entre outras possibilidades e recursos, por exemplo, pela hiperlinkagem, que permite a criação de conteúdos dinâmicos, permitindo que o público tenha a sua disposição mais elementos acerca do tema tratado na reportagem. Ou seja, a memória é ativada como potência contextualizadora da história narrada. Certamente, aí, claro, entram em cena outras decisivas variáveis, em termos de recortes e intencionalidades e relevos do gesto memorialístico, ou seja, as opções sobre o que e como lembrar ou esquecer. O que sugere que a apropriação crítica e contextualizadora da memória na prática jornalística deve ser cada vez mais estimulada e refletida (Bruck, Marques, & Pimenta, 2021, p.20).

Na base SciELO, a questão do elemento memória foi discutido a partir de análises de reportagens multimídia em dois trabalhos de 2021: “Produções digitais nos 50 anos do Golpe de 1964: especiais multimídias em sites jornalísticos brasileiros” (Martins, 2021); e “Evoluções e experiências em um gênero híbrido: análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014–2018)” (Conceição & Vecchio-Lima, 2021).

A abordagem de Martins (2021) teve como objetivo avaliar o papel das produções jornalísticas digitais na constituição e na estabilização da história do Golpe de 1964, por meio dos especiais multimídias sobre a efeméride dos seus 50 anos, uma vez que as digitalizações da memória e do jornalismo trouxeram novas configurações para ambos. Ele selecionou as produções de sites jornalísticos de veículos já relevantes no período do Golpe e da ditadura, como *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, ambos apoiadores do Golpe de 1964, e dois nativos digitais, surgidos já nos anos de 2000: portal *GI*, do maior grupo midiático do país, que apoiou não só o Golpe como a ditadura por meio dos

seus outros veículos, e o *Último Segundo*, setor jornalístico do portal *iG*, um dos principais do país na atualidade, mas sem tradição no ramo da informação.

Sobre as características apontadas sobre o texto jornalístico utilizado nessa cobertura, o autor observou que apenas o *Estadão* seguiu um padrão mais tradicional, que é o que possui hierarquia de estrutura em algum nível piramidal, seja invertida, deitada ou em fluxos. Os veículos seguiram uma ordem cronológica.

O tom histórico e didático dominou as narrativas multimídias, com as fontes e referências observadas apenas na parte final do especial, não no corpo do texto, como é comum nas produções jornalísticas. Os jornais fizeram um compêndio das leituras e apresentaram a sua perspectiva dos fatos, a forma como interpretaram o acontecimento em 1964, todavia, sem muitas citações diretas e indiretas. As memórias coletivas em livros e obras clássicas sobre o golpe e a ditadura prevalecem, com as memórias individuais ficando mais relegadas ao que não era central na narrativa e no discurso do veículo, aparecendo para trazer a visão de um indivíduo, com exceção do *Estadão*.

As informações partem de documentos históricos e livros. Por outro lado, *O Estado de S. Paulo* foi o único a seguir uma estrutura jornalística padrão, citando diversas vezes suas fontes como base para a construção da narrativa jornalística, desde pesquisadores, estudiosos e políticos opositores até ex-militares. A memória individual aparece mais forte como legitimadora do que a coletiva.

Já Conceição & Vecchio-Lima (2021) analisaram uma amostra final de quatro reportagens da plataforma UOL TAB e buscaram compreender se e como as características do jornalismo literário (JL) são integradas ao conteúdo multimídia. Ao considerar o universo total da pesquisa, perceberam que as edições que exibem todas as características/categorias do jornalismo literário representam apenas 5% de um montante de 176 reportagens. Os dados mostram um cenário no qual esse tipo de narrativa ainda é pouco explorado, mesmo com tanto potencial.

Diante de novos desafios provocados pelas profundas transformações da indústria noticiosa nas últimas décadas, os contextos brasileiro e português foram analisados em “A reportagem no jornalismo digital: Uma análise quantitativa do espaço lusófono” (Di Fátima, 2023), localizado nos Anais do Intercom. O objetivo foi identificar os recursos mais e menos utilizados na produção do gênero nobre na internet.

O corpus analisado foi de 151 reportagens publicadas (57 de Portugal e 94 do Brasil), entre 2012 e 2016, por 37 meios de comunicação de âmbito nacional e regional,

sendo 9 portugueses e 28 brasileiros. Os resultados indicaram que a reportagem mantém os princípios fundamentais do gênero intactos ao longo dos anos, enquanto explora as capacidades oferecidas pelo jornalismo digital. Porém, nem todos os recursos exercem a mesma influência na criação das narrativas.

A reportagem depende mais da multimídia, interatividade e hipertextualidade do que dos recursos de personalização, memória e ubiquidade. Com relação à memória, nosso enfoque de pesquisa, Di Fátima (2023, p.8-9) apontou que as reportagens apresentam resultados muito semelhantes que apontam para o baixo aproveitamento da memória. Ela verificou que o uso de *link* para conteúdos do próprio veículo, quando o repórter indexa materiais alojados no site do meio em que trabalha, é o recurso mais utilizado nesse aspecto, ou seja, predomina o uso dos arquivos virtuais.

Em seguida aparece o *link* para conteúdos de outro veículo, quando o destino é algum material hospedado na página web de outro órgão – ainda que façam parte da mesma empresa de comunicação. E, com menos frequência, o uso de etiquetas ou *tags*, na forma de palavras-chave, e por último o motor para buscas internas. Ela ressalta que o baixo aproveitamento de recursos de memória tem consequências tanto para o leitor quanto para os veículos, e podem ser problematizadas em ao menos três dimensões: 1ª) A ausência dos conteúdos de arquivo digital, sejam internos ou externos, reduz a possibilidade do cruzamento de informações; 2ª) O repórter renuncia a um poderoso atributo na contextualização da história; 3ª) O desprezo pelas etiquetas ou *tags* pode comprometer as hipóteses de o conteúdo ser localizado pelos algoritmos dos motores de busca, como Google, Bing e Ask (Franco, 2009, *apud* Di Fátima, 2023, p.9).

TABELA 2

Características da reportagem multimídia

❖ A reportagem mantém os princípios fundamentais do gênero intactos ao longo dos anos, enquanto explora as capacidades oferecidas pelo jornalismo digital
❖ Combinação de elementos diferentes na produção da notícia na narrativa multimídia
❖ A reportagem depende mais da multimídia, interatividade e hipertextualidade do que dos recursos de personalização, memória e ubiquidade
❖ Texto mais cronológico que padrão no caso de análise de especiais como os 50 anos do Golpe Militar
❖ Jornalismo literário ainda pouco explorado
❖ O texto <i>longform</i> ¹³ afirmou-se como a linguagem estruturante da narrativa
❖ Média de tamanho de texto: entre 3 mil e 8 mil palavras em Word
❖ Aumento no número de reportagens produzidas por veículos do Brasil e de Portugal – entre 2012 e 2016
❖ Grande maioria das reportagens também mantém o deslocamento do repórter como método de apuração da história
❖ Atividade realizada em equipe, sendo uma equipe modelo para a produção da reportagem: repórter, chefe de reportagem, fotógrafo, cinegrafista, editor geral, editor de vídeo e web designer
❖ Mercado busca profissionais com perfil multifacetado e competências para se mover entre os antigos e os novos formatos jornalísticos
❖ Uso de links internos mais que externos: tendência é manter o leitor na reportagem.
❖ Esforço para que os conteúdos sejam acessíveis em todos os dispositivos (<i>notebooks, smartphones</i> etc), amplificando o alcance potencial da obra.
❖ Uso de link para conteúdos do próprio veículo, quando o repórter indexa materiais alojados no site do meio em que trabalha, é o recurso mais utilizado como recurso de memória (uso de arquivos virtuais)

FONTES: Artigos sobre reportagem multimídia analisados

Considerações finais

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia, como registrou o historiador francês Jacques Le Goff (1990). A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.

E as memórias social e coletiva vão sendo desafiadas pelo aumento vertiginoso de informações e dados na cultura digital, pelas *fake news* e era de pós-verdade e com os desafios trazidos pelo uso da I.A. Os “senhores da memória”¹⁴ (Le Goff, 1984; Barbosa,2004) continuam muito mais que necessários para a checagem e registro dos fatos, sobretudo os jornalistas, com seu trabalho cotidiano de fazer uma operação seletiva da memória, lembrando alguns fatos e esquecendo outros tantos, levando em conta configurações do presente.

¹³ “Jornalismo forma longa” ou “Jornalismo de formato longo”.

¹⁴ Reproduzimos no título uma citação de Jacques Le Goff (1984).

Neste artigo o objetivo foi discutir a questão da memória e suas tensões e tessituras na cultura digital. Isso via realização de um estado da arte que envolveu os termos “jornalismo on-line, memória e cultura digital”, e sua conexão/operação via reportagem multimídia. A amostra foi composta por 11 artigos, cuja leitura foi organizada de forma cronológica, a partir de levantamento feito nas principais plataformas da área de comunicação para verificar a produção acadêmica recente, localizada no período de 2019 a 2023.

Destaca-se que a memória é um importante pilar na construção do jornalismo digital. É ativada como potência contextualizadora da história narrada, associada aos recursos da multimídia. É acionada tanto como arquivo, como recuperações das informações do passado que dialogam com repercussões do presente, através de *links* e *tags* que remetem para outras nuances e ângulos da história narrada.

No elemento memória dentro do jornalismo estão implicadas decisivas variáveis, em termos de recortes e intencionalidades e relevos do gesto memorialístico, ou seja, as opções sobre o que e como lembrar ou esquecer. A apropriação crítica e contextualizadora da memória na prática jornalística deve ser cada vez mais estimulada e refletida.

Com relação à reportagem multimídia, identificamos as principais características apontadas pelos autores que utilizaram esses produtos como material empírico de suas análises (Veja Tabela 2).

Referências bibliográficas:

- BAHIA, Juarez. **Dicionário de Jornalismo Juarez Bahia: século XX**. Rio de Janeiro: MauadX, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *Jornalistas, “senhores da memória”?* **In:** ANAIS do VII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Porto Alegre – PUC do Rio Grande do Sul, 30/08 de 3/09 de 2004.
- BARBOSA, Marialva. *Jornalismo e a construção de uma memória para sua história*. **In:** BRAGANÇA, Aníbal & MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005, p.102-111.
- BRUCK, Mozahir S., MARQUES, Carolina L. & PIMENTA, Ana Paula F. *Usos da memória como recurso de Contextualização no jornalismo digital*. **In:** Anais do XXX Encontro Anual da Compós, PUC-SP, São Paulo - SP, 27 a 30 de julho de 2021.
- CADIMA, F. Rui. *A Memória e a Era Digital*. **In:** Media & Jornalismo, vol.20 no.36 Lisboa jun. 2020, p.193-206.
- CONCEIÇÃO, Cíntia S. da & VECCHIO-LIMA, Myrian R. Del. *Evoluções e experiências em um gênero híbrido: análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014–2018)*. Braz. journal. res., - ISSN 1981-9854 - Brasília -DF, Vol. 17,N. 2, agosto/2021.
- COUTINHO, Vinícius da S. & OLIVEIRA, Thamyres S. *O jornalismo digital e a construção de memórias: a primeira semana de pandemia da Covid-19, no Piauí*. **In:** Anais do XIII Encontro Nacional de História da Mídia - Alcar, Universidade Federal de Juiz de Fora, de 18 e 20 de agosto de 2021.

- DI FÁTIMA, Bianca. *A reportagem no jornalismo digital: Uma análise quantitativa do espaço lusófono*. In: Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, PUC Minas, 2023.
- FRANCO, Guillermo. **Como escrever para a web**. Austin: Knight Center for Journalism, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Traduzido do original francês *La Memoire Collective* (2.a ed.), Presses Universitaires de France Paris, França, 1968. São Paulo: editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.
- LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: Enciclopédia Einaudi. *Memória-História*. Vol 1. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p.203-225.
- LOPES, Ana Suelly Pinho & SOUSA, Jorge Pedro. *A informação em mídia digital e os desafios para a preservação da memória diante das mudanças tecnológicas*. In: Anais do XII Encontro Nacional de História da Mídia – Alcar 2019, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- MOREIRA, Walter. *Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção*. Revista Janus, FATEA, vol. 1, n.1, 2004. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/Janus/article/view/102/92>.
- MARCELLO, Lorena F. *A relação entre jornalismo e memória: uma revisão sistemática de literatura*. In: Anais do 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor., Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza (CE), novembro de 2022.
- MARQUES, Márcia S. C. *O Impacto das Mídias Digitais na Construção da Memória: Desafios, Oportunidades e Perspectivas para a Comunicação na era da Inteligência Artificial*. In: Anais do XIV Encontro Nacional de História da Mídia - Alcar, na UFF, Niterói-RJ, 2 a 4/08 de 2023.
- MARTINS, Allysson V. *Produções digitais nos 50 anos do Golpe de 1964: especiais multimídias em sites jornalísticos brasileiros*. In: Revista Intercom – RBCC, São Paulo, v. 44, n. 1, p.79-101, jan./abr. 2021.
- MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2003. 246f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação da UFBA, Salvador. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm> Acesso 8/05/2020.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.
- PALACIOS, Marcos. *O que há de (realmente) novo no Jornalismo On-line?* Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21/09/1999.
- PALACIOS, Marcos. *Jornalismo online, informação e memória: Apontamentos para debate*. In: www.labcom.ubi.pt/agoranet. Comunicação apresentada no *Jornadas de Jornalismo Online*, no Departamento de Comunicação e Artes (<http://www.bocc.ubi.pt>) da Universidade da Beira Interior (Portugal), 2002. Disponível em: [palacios-marcos-informacao-memoria.pdf \(ubi.pt\)](#). Acesso em 12/03/2024.
- PALACIOS, Marcos. *Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o lugar da memória*. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs.), **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003.
- PALACIOS, Marcos. *CULTURA E MEMÓRIA: Fases e Escalas dos Estudos de Memória e o Desafio do Antropoceno*. Revista Observatório, Vol. 5, n. 4, Julho-Setembro. 2019.
- SOUZA, Rogério. *Jornalismo e tecnologia: a reportagem multimídia no site Intercept*. In: ANAIS do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom VIRTUAL – de 1º a 10/12/2020.
- THÉRIEN, Sílvia Maria Nóbrega; THÉRIEN, Jacques. *Trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas*. In: Revista Estudos em Avaliação Educacional, vol. 15, n. 30, jul.-dez. 2004. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/eae/article/view/2148/2105>.
- TÓTOLI, Alessandra Campos & GARROSSINI, Daniela Fávoro. *Possibilidades tecnoutópicas: processos de memória na era da conectividade em rede*. In: Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, em Belém- PA, de 2 a 7/09/2019.